



## Cruzamentos, controvérsias e cosmopolítica na pesquisa ufológica de OVNI e alienígenas

Crossings, controversies and cosmopolitics in UFO research on UFOs and aliens

Cruces, controversias y cosmopolítica en la investigación ovni sobre ovnis y extraterrestres

Pedro Borda<sup>1</sup>

**Resumo:** Alguns pesquisadores dos Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs) e seus tripulantes argumentam que é possível desenvolver uma ufologia com rigor e método, equivalentes aos empregados por cientistas. Operam, assim, uma tentativa de associação entre Ufologia e Ciência, que culmina na chamada “ufologia científica”. O objetivo desse artigo é esboçar uma forma de encarar antropologicamente a ufologia, sem desmerecer o estatuto ontológico dessas alegações, mas tentando se desvencilhar de um relativismo ingênuo, que desconsideraria todo o trabalho duro empreendido por cientistas na construção de seus fatos científicos. Que lições podem ser extraídas desse desafio de “levar a sério” os ufólogos, almejando o propósito cosmopolítico de composição de um mundo comum e o quê os *cruzamentos* entre alienígenas e ciência podem nos ensinar são algumas das questões abordadas nesse texto.

**Palavras-chave:** antropologia da ciência; cosmopolítica; conflito ontológico; pseudociências; controvérsias científicas.

**Abstract:** Some researchers of Unidentified Flying Objects (UFOs) and its crew members argue that it is possible to develop an ufology with accuracy and method, equivalent to those employed by scientists. Thus, they operate an attempt of association between Ufology and Science, culminating in a “Scientific Ufology”. The goal of this articles is, through the controverse trajectory of these researches, to draw a way of approach anthropologically the ufology, without debunking the ontological statute of the ufologists’ assumptions, but trying to get rid of a ingenuous relativism, which would disconsiderate all hard work from scientists in the construction of its facts. Which lessons can be extracted from this challenge of “taking seriously” the ufologists, aimind the cosmopolitical purpose of composing a common world (STENGERS, 2018), and what the *crossings* (LATOURE, 2019) between aliens and science can teach us are some of the questions approached in this text.

**Key words:** anthropology of Science; cosmopolitics; ontological conflict; pseudoscience; scientific controversies.

<sup>1</sup> Estudante do curso de Ciências Sociais - FFCHL/USP. Brasil. E-mail: [pedroborda@usp.br](mailto:pedroborda@usp.br)



**Resumen:** Algunos investigadores de Objetos Voladores No Identificados (OVNI) y sus tripulaciones sostienen que es posible desarrollar una ufología con rigor y método, equivalentes a los utilizados por los científicos. Operan así un intento de asociar ufología y ciencia, que culmina en la llamada “ufología científica”. El objetivo de este artículo es esbozar una manera de mirar la ufología antropológicamente, sin socavar el estatus ontológico de estas afirmaciones, pero tratando de liberarnos de un relativismo ingenuo, que ignoraría todo el arduo trabajo realizado por los científicos en la construcción de sus hechos científicos. Qué lecciones se pueden extraer de este desafío de “tomar en serio a los ufólogos”, apuntando al propósito cosmopolítico de componer un mundo común y qué pueden enseñarnos las intersecciones entre los extraterrestres y la ciencia son algunas de las preguntas que se abordan en este texto.

**Palabras clave:** antropología de la ciência; cosmopolítica; conflicto ontológico; pseudociências; controversias científicas.

## Introdução

Esse trabalho tem como objetivo analisar os *cruzamentos*, tomando o sentido utilizado por Latour (2019), entre ciência e ufologia, operadas pelos ufólogos, que almejam a produção de uma “ufologia científica”, em oposição à “ufologia espiritualista/mística” (cf. CARLOS, 2007; ALMEIDA, 2015). Tais ufólogos defendem a possibilidade de cruzar esses dois modos de existência distintos, a fim de produzir uma pesquisa e compreensão rigorosa daquilo que chamam “casuística ufológica” - o conjunto de fenômenos associados à aparição e aos efeitos dos OVNI e extraterrestres sobre os humanos e a Terra. No entanto, esse esforço sofre com as controvérsias envolvendo, sobretudo, problemas ontológicos a respeito da existência ou não dessas entidades, suscitadas pelo embate entre ufólogos e cientistas. Essas controvérsias acabam por ter efeitos práticos, não apenas nos campos das ditas *hard sciences*, como a física e a química, mas na própria antropologia, capturada pelo duplo desafio de conferir legitimidade e seriedade ao que dizem esses coletivos, embora sem abrir mão da segurança científica, tentada a tratar a ufologia como representações, símbolos, crença.

Em primeiro lugar, decorre desse contato um caso de *conflito ontológico* (BLASER, 2018) entre cientistas e ufólogos, no qual não há consenso quanto à “coisa” em questão – nesse caso, os OVNI. Aqui, encarar esse conflito enquanto *ontológico* ao invés de *epistemológico* desloca o eixo do debate para questionar não o estatuto de realidade dos OVNI (como o fazem os “céticos”, embora não sem razão), mas o modo pelo qual esses mundos podem ser mobilizados na composição de um *mundo comum*, em concordância com o projeto cosmopolítico proposto por Isabelle Stengers (2018).



Enquanto Latour desenha sua cosmopolítica em torno de uma passagem de *matters of concern* [matéria de preocupação] para *matters of fact* [matéria de fato], indicando a exclusão de certas entidades do mundo comum em composição, a partir de uma decisão coletiva, Blaser critica essa perspectiva argumentando, na linha de Stengers, que esse processo deve ser muito mais lento e cuidadoso, levando em consideração as vítimas do processo, ainda que para questioná-las:

Em suma, então, no lugar de algo totalmente diferente, e na medida em que as entidades que se mantêm fora do mundo comum se tornam insignificantes, uma cosmopolítica orientada ao mundo comum poderia terminar se parecendo com uma política razoável reconfigurada. Isto é algo sobre o que Stengers parece muito consciente, *daí sua insistência em que a composição do mundo comum só deva proceder na presença das vítimas, não porque estas devem estar de acordo, mas sobretudo porque os que concordaram em avançar com os termos do mundo comum “têm que saber que nada poderá apagar a dívida que vincula sua eventual decisão a suas vítimas”* (Stengers 2014: 39). E, não obstante, ao passo que Stengers faz com que o processo seja mais difícil e mais lento do que o que Latour parece buscar, o mundo comum “deve ser composto” (BLASER, 2018, p. 37, grifos meus).

Assim, esse trabalho discute, é claro, a apropriação (ou, *cruzamento*) da ciência pelos ufólogos no desenvolvimento do seu trabalho, mas não podemos nos esquecer também do papel da ufologia na ciência ou, em outros termos, a dívida que os cientistas têm com a marginalização dos ufólogos, ainda que tenham seus motivos. É nesse sentido que a abordagem antropológica que proponho aqui ao tema da ufologia se conecta à *proposição cosmopolítica* (STENGERS, 2018). Para a antropologia da ufologia que proponho aqui, portanto, é fundamental que se estabeleça essa relação com o mundo comum em construção, pois tal postura nos permite defender o trabalho científico e, ao mesmo tempo, preservar a posição de respeito e atenção à ontologia ufológica.

A cosmopolítica, de acordo com o uso que dela faz Isabelle Stengers, é uma ferramenta valiosa para pensar esse cenário de conflito ontológico entre cientistas e ufólogos, na medida em que nos permite avançar o debate, considerando essa marginalização da ufologia, isto é, considerando as alegações que eles põem em jogo. Muito mais fácil, sem dúvida, seria simplesmente passar por cima disso tudo e encerrá-las como embustes, irracionalidades, mentiras. Muito mais respeitoso, produtivo, e coerente com um esforço *antropológico*, porém,



é adotar a *hesitação*, mencionada pela filósofa, para que se pense modos de composição coletivos desse mundo comum, o que significa levar a ufologia a sério. Trata-se, enfim, de

agenciar o conjunto de maneira tal que o pensamento coletivo se construa “em presença” da questão insistente que eles fazem existir. Dar a essa insistência um nome, cosmos, inventar a maneira mediante a qual a “política”, que é a nossa assinatura, poderia fazer existir seu “duplo cósmico” [doublure cosmique], as repercussões disso que vai ser decidido, disso que constrói suas razões legítimas, sobre isso que permanece surdo a essa legitimidade, eis a proposição cosmopolítica (STENGERS, 2018, p. 448).

Um ufólogo, durante uma conferência no MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), em resposta a um artigo publicado sobre o SETI<sup>2</sup> por um professor de física da Universidade de Boston, parece ter entendido precisamente o problema em questão:

“É verdade que... depois de 32 anos de pesquisa, e um orçamento de mais de 100 milhões de dólares, o SETI ainda não tem nenhum dado? Você tem alguma peça de evidência que suporte sua hipótese? O que eu estou tentando fazer, senhor, é contrastar o seu orçamento com o nosso, que é zero, a sua quantidade de dados com a nossa. Você estaria disposto a compartilhar um pouco dos seus 100 milhões de dólares com nossos ufólogos?” (DEAN, 1998, p. 58)<sup>3</sup>.

Talvez, para a surpresa do ufólogo, em 1989, uma política de corte de gastos implementada pelo Congresso dos EUA fez com que o orçamento do SETI fosse drasticamente reduzido, baseado no relatório do quadro administrativo da Academia de Ciências Espaciais de que o SETI talvez não merecesse essa prioridade imediata (BILLINGS, 2012)<sup>4</sup>.

Uma das formas que encontrei de colocar esses ufólogos “em presença” foi por meio da apresentação da trajetória histórica dos discos voadores dentro do próprio ambiente científico,

<sup>2</sup> O Instituto SETI (Search for Extraterrestrial Intelligence) foi inaugurado em 1985 com o objetivo de tentar estabelecer contato com civilizações extraterrestres, por meio de radiotelescópios para a captação de mensagens vindas dos confins do espaço-sideral. É possível ler mais a respeito disso na brilhante pesquisa de (ARANHA, 1990), ou acessando o próprio site do instituto, disponível em: <<https://www.seti.org/>>.

<sup>3</sup> Tradução livre. No original: “Is it true . . . that after 32 years of search, and the expenditure of over \$100,000,000 already, you [SETI] have zero data? Have you got one piece of positive evidence to support your hypothesis? What I’m trying to do, sir, is to contrast your budget with ours, which is zero, your amount of data with our data. Would you be willing to share some of your \$100,000,000 with our UFO researchers?”.

<sup>4</sup> “The 1989 passage of a federal budget deficit reduction law had prompted Congress to take a ‘last in, first out’ approach to budget cutting. While SETI did not lose its scientific legitimacy entirely, its advocates did not succeed in engineering an SSB endorsement of SETI as a scientific priority. SETI lost political legitimacy, falling off Congress’s list of things to pay attention to and NASA’s list of things to do.” (BILLINGS, 2012, p. 969).



atento à marginalização da ufologia enquanto disciplina, além das justificativas encontradas para tal pelos ufólogos. Essa perspectiva faz com que não simplesmente passemos por cima da ufologia, descartando sua realidade, mas que também não sejamos obrigados a abraçar um relativismo ingênuo ou desconsiderar o esforço de cientistas e tantas outras entidades na construção deste tão almejado mundo comuns. Significa simplesmente desacelerar o processo e vincular as vítimas às eventuais decisões coletivas.

Ao optar por “levar a sério” a reivindicação de cientificidade por parte dos ufólogos e delinear os impactos práticos da retórica científica em sua metodologia, sugiro que a ufologia científica é um campo que se desenvolve constantemente, não buscando desmascarar supostas incompreensões do verdadeiro significado da ciência, mas se apropriando pontualmente de seus recursos. A investigação dos fenômenos relacionados a discos voadores é um processo que se constrói gradualmente por meio da colaboração de diversos participantes, incluindo não apenas os ufólogos, mas também os extraterrestres e as próprias naves espaciais, que se tornam visíveis por meio de filmagens, deixam vestígios no solo, realizam abduções, observam e conduzem experimentos. Dessa forma, a ufologia científica não se enquadra necessariamente em alguma definição convencional, ou melhor, oficial de "ciência", mas representa uma abordagem alternativa da prática científica. No entanto, essa abordagem merece ser considerada com seriedade, o que não implica necessariamente em sua aceitação, mas sim na realização de testes, experimentos e exploração crítica.

Não se trata de uma apresentação da “ciência” enquanto uma espécie de prática estética, descolada de certas condições de felicidade que conferem o seu estatuto interno de verdade. Pelo contrário, os objetos científicos circulam por trajetórias muito bem definidas até sua estabilização. É, afinal, sobre isso que está amparada a própria noção latouriana de uma “caixa preta”. Ao falar de um *cruzamento* entre esses dois *modos de existência* (o ufológico e o científico), não está em questão uma hierarquização, mas justamente uma apreensão da circulação dos OVNI e alienígenas no interior de diferentes ontologias e o papel da antropologia enquanto uma espécie de instância mediadora e diplomática dos conflitos ontológicos, resgatando o compromisso de seguir com a mesma seriedade os coletivos. Uma vez situados em uma nova rede, a tarefa do antropólogo seria a de encontrar a “chave de interpretação” por meio da qual é possível compreender a trajetória de produção do



conhecimento ufológico, a sua ciência. A partir daí, não é mais função da antropologia definir a validade epistemológica desse conhecimento. A questão que nos interessa não é: “os ufólogos estão certos ou errados?”, e sim “o que eles estão nos dizendo?”.

Diante disso, penso ser importante confessar que não passei imune a esse estranhamento que me seguiu durante minha participação em grupos de ufólogos no *Whatsapp*, na leitura de suas produções intelectuais e, agora, posteriormente, durante a escrita. Parte de mim defendia (e, aliás, defende) o desafio de “levar a sério” os ufólogos e de ser o mais respeitoso possível a propósito de suas alegações, ao passo que outra parte achava extremamente difícil (se não impossível) ignorar o fato de que algumas das consequências desse agenciamento são também profundamente problemáticas, com fortes inclinações ao negacionismo científico, em muitos casos<sup>5</sup>.

Em alguns, por exemplo, essa noção de ciência empregada pelos ufólogos permite que daí se extraia conclusões que amparam a continuidade do negacionismo científico, como, por exemplo, a própria ideia da contínua transformação da ciência<sup>6</sup>, que se materializa em discursos como: “se a ciência está sempre mudando, por que devo aceitar a eficácia de uma vacina recém liberada?”. Mas isso não deveria fazer com que questionássemos o estatuto ontológico dos discos voadores e seus tripulantes, e sim as consequências desse tipo de agenciamento na composição de um mundo coletivo. Ou seja, não é uma questão que se coloca nos termos da “crença”, mas dos efeitos do agenciamento dessa existência. Aliás, uma questão urgente para os próprios ufólogos: desde que tomemos discos voadores como reais, os extraterrestres estão aqui para nos salvar ou nos destruir, afinal?

Foi no texto célebre de Eduardo Viveiros de Castro, *O Nativo Relativo* (2002), que encontrei algum alívio ao observar a forma astuta e elegante com que ele contorna esse problema de “levar a sério”:

---

<sup>5</sup> Sobre essa associação entre teorias da conspiração, negacionismo científico e ufologia, conferir o livro de Michael Barkun, *A Culture of Conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America* (2013).

<sup>6</sup> A noção de uma ciência em contínua mudança é central para a alegação dos ufólogos de que, portanto, é só questão de tempo até que a ufologia passe a vincular no corpo oficial de saberes científicos, como discutirei adiante.



Levar a sério significaria, então, 'acreditar' no que dizem os índios, tomar seu pensamento como exprimindo uma verdade sobre o mundo? De forma alguma; esta é outra questão mal colocada. Para crer ou não crer em um pensamento, é preciso primeiro imaginá-lo como um sistema de crenças. Mas os problemas autenticamente antropológicos não se põem jamais nos termos psicologistas da crença, nem nos termos logicistas do valor de verdade, pois não se trata de tomar o pensamento alheio como uma opinião, único objeto possível de crença ou descrença, ou como um conjunto de proposições, únicos objetos possíveis dos juízos de verdade. Sabe-se o estrago causado pela antropologia ao definir a relação dos nativos com seu discurso em termos de crença a cultura vira uma espécie de teologia dogmática (Viveiros de Castro 1993), ou ao tratar esse discurso como uma opinião ou como um conjunto de proposições a cultura vira uma teratologia epistêmica: erro, ilusão, loucura, ideologia... (VIVEIROS de CASTRO, 2002, p. 130)

A crítica ao dispositivo da crença e seu papel de acusação será propriamente retomada adiante. O que interessa, por ora, é a transformação das ideias nativas em *conceitos* para, daí, extrair suas eventuais consequências, ou melhor, “determinar o solo pré-conceitual ou o plano de imanência que tais conceitos pressupõem, os personagens conceituais que eles acionam, e a matéria do real que eles põem” (*Idem*, p. 123). Foi amparado nessas propostas antropológicas que encontrei uma alternativa para lidar com minha inquietação e esboçar um caminho para abordar antropologicamente a ufologia e, talvez outras pseudociências, considerando as controvérsias inevitáveis desses cruzamentos entre ciência e outros saberes.

Assim, ao invés de *explicar* o pensamento ufológico, advogo pela produtividade, e mesmo coerência da investigação desses mundos que os conceitos ufológicos exprimem. Não deveríamos, então, questionar onde eles estão errando na aplicação da ciência, mas em como essa ciência difere daquela a qual estamos acostumados, em termos de agenciamento. Nesse sentido, o objetivo da antropologia de Viveiros de Castro pode servir de norte para essa antropologia da ufologia, qual seja: indagar a utilidade de uma ideia específica, no sentido de compreender suas consequências e os agenciamentos nos quais ela pode entrar, ao invés do questionamento ontológico das entidades postas em circulação.

De acordo com Latour (2019), um curso de ação deve ser compreendido através de sua *trajetória*. Nesse sentido, existiriam certas *chaves de interpretação* para auxiliar no acompanhamento dos percursos de conhecimentos objetivados. Não seria o caso de supor uma definição transcendental de Verdadeiro e Falso, mas de compreender o sentido da proposição feita, uma vez resolvida a chave de interpretação. Em outras palavras, a comparação entre



diferentes modos de existência, só poderia ser feita por meio do que ele chama de *cruzamento*, pois

Um cruzamento permite comparar dois modos, duas conexões, dois tipos de condições de felicidade, revelando, por meio de uma série de provas, os contrastes que tornam possível definir o que eles têm de específico, bem como *a história, muitas vezes atormentada de suas relações*. Devemos nos ater a tratar cada cruzamento, cada contraste, como um assunto à parte que a cada ocasião solicitará sua própria elaboração. (LATOUR, 2019, p. 63, grifos meus).

O “erro dos ufólogos” no que diz respeito à associação entre Ciência e Ufologia seria, desse modo, um erro DE sentido, em oposição ao erro DOS sentidos (LATOUR, 2019). Enquanto esse pressupõe uma incompreensão, uma espécie de irracionalidade, aquele caminha para a chave de interpretação na qual determinado modo de existência deve ser investigado. Veremos, assim, que o desenvolvimento histórico da ufologia parece ter, há muito tempo, se desligado do sentido mais ou menos oficial da atividade científica em prol de um novo tipo de noção de Ciência e, portanto, um modo de existência distinto, produto direto desse cruzamento.

A discussão sobre os ufólogos estarem ou não *errados* em dizer que discos voadores existem e que é possível analisá-los cientificamente não deve e nem pode ser colocada. Antes, a questão é, como uma vez colocou um ufólogo<sup>7</sup>, “qual ciência constrói os discos voadores?” - ou seja, que *cruzamentos* podem ser identificados entre a ufologia e a ciência e qual ciência é o produto disso.

### Uma ciência marginalizada?

Para os ufólogos, a Ciência enfrenta uma constante transformação, facilmente diagnosticável ao observarmos seu percurso histórico de desenvolvimento. Existiria, portanto, uma dinamicidade intrínseca à atividade científica, que se desdobraria a cada momento em novos experimentos e descobertas, que se contrapõem às anteriores. Daí, seria apenas questão de tempo até que a ufologia (hoje, vista como bobagem) passasse a incorporar o corpo de

<sup>7</sup> Referência ao livro do ufólogo Fernando Pereira, chamado “Que ciência constrói os discos voadores?”, publicado pela editora Record, em 1998.





saberes amplamente aceitos pela comunidade de cientistas. Abaixo vemos a posição adotada por um ufólogo, em artigo publicado na Revista UFO<sup>8</sup>, sobre essa questão:

“A transformação da ciência pode ser gradual, mas os discos-voadores um dia serão vistos como tema legítimo para estudo científico – quando teremos dados científicos que comprovarão sua origem extraterrestre. Ou seja, a mudança de paradigma seria contínua e mais facilmente aceita e absorvida por cientistas e leigos” (HASTINGS, 2013, p. 45)

Um dos ufólogos mais conhecidos dessa chamada linha “científica” de pesquisa dos discos-voadores, Athayde, traz um argumento semelhante:

A ciência é dinâmica. É uma eterna busca da verdade e, quer queiram ou não os cétricos<sup>9</sup>, a Ufologia funciona da mesma forma. Ela é uma paraciência hoje, mas será a *ciência do futuro*. Uma ciência que englobará todas as demais e – o que é melhor – será preenchida de fatos atualmente desconhecidos pelos homens, quando então uma nova física mostrará que nada sabemos e que tudo ao nosso redor é desconhecido. (GEVAERD (ed.), p. 113, grifos meus).

Esse tema parece ressurgir em outra entrevista, agora com Ubirajara, o principal ufólogo envolvido no Caso ET de Varginha<sup>10</sup>, que também defende ser necessária uma organização metodológica por parte da ufologia visando “receber a atenção da ciência” (GEVAERD (ed.), 2013, p. 147). Sua visão, como as demais, apresenta o esforço louvável de considerar a importância do ufólogo na apresentação do seu trabalho de construção do fato ufológico, porque sugere uma autocrítica quanto aos próprios procedimentos empregados pelos ufólogos em suas pesquisas, ao invés de simplesmente posicionar os cientistas como os negadores sistemáticos

<sup>8</sup> A Revista UFO é a principal referência dos ufólogos brasileiros, uma vez que ela é o periódico mais longo no mundo e, certamente, o mais famoso do país. Além disso, seus congressos anuais, cursos de formação e livros publicados, levam todos aqueles que têm interesse em se aprofundar na pesquisa ufológica a buscar seus materiais. Tão importante é a Revista UFO para esses coletivos ufológicos, que Almeida (2015) indica que a própria possibilidade de se falar em “Comunidade Ufológica Brasileira” decorre da existência da própria revista.

<sup>9</sup> “Cético” é uma categoria nativa amplamente utilizada pelos ufólogos para designar certas pessoas, geralmente cientistas, que negam sistematicamente a existência de OVNI e o trabalho dos ufólogos.

<sup>10</sup> Ubirajara ficou famoso na ufologia por ter estudado a fundo o caso do ET de Varginha na época em que ocorreu. Entretanto, anos depois ele adotaria uma postura bem diferente e viria a público dizer que tudo isso não passou de uma mentira, que o caso todo não poderia ser verdadeiro. Isso, como era de se esperar, gerou muita angústia e ressentimento dentro da comunidade de ufólogos. Enquanto alguns diziam que ele tinha sido ameaçado por militares – ou pelo que Susan Lepselter chamaria *powers that be* (LEPSELTER, 2016) – para esconder a Verdade e voltar atrás em suas posições, outros diziam que ele era medroso e não tinha compromisso sério com a ufologia, ou mesmo que sua postura era compreensível, pois ele tinha esse direito de querer levar uma vida tranquila sem se comprometer com possíveis represálias. Não obstante, o caso é tratado como verdadeiro pela maior parte dos ufólogos.



das evidências coletadas por ufólogos; é sobre coletar e organizar as evidências do fenômeno, convencimento, retórica, investigação, trabalho científico. Se é o desejo dos ufólogos que a ciência aceite o que propõem, os discos-voadores devem se transformar em objeto de discussão, devem abraçar a controvérsia:

“Devemos buscar na metodologia científica nosso amparo. Mostrar aos homens de ciência que procuramos ter mais critério. E mais do que tudo: fazemos sempre autocrítica, para aprendermos a aceitar críticas alheias. Assim poderemos, também, criticar com ética e embasamento os negadores sistemáticos do fenômeno, os arautos do misticismo descompromissado e os nefastos farsantes que estarão sempre presentes enquanto o fenômeno não se tornar oficialmente aceito” (*Idem*, p. 148).

Enquanto alguns ufólogos, como Hastings<sup>11</sup>, Ubirajara e o próprio Athayde, defendem que os discos-voadores só serão vistos enquanto tópico legítimo para estudo científico quando tivermos “dados científicos que comprovarão sua origem extraterrestre” (*Idem*, p. 45), assim alocando a ênfase no trabalho do ufólogo de alinhamento com o trabalho científico – ainda que condicionados a uma mudança de “paradigma” ou uma necessidade da revisão do conhecimento científico atual –, outros preferem depositar a culpa dessa rejeição da ufologia em um fechamento despropositado dos cientistas, como se eles não tivessem motivos para isso, a não ser um dogmatismo ingênuo.

É nessa direção que leio o esforço de sistematização de Fernando Pereira<sup>12</sup> a propósito dos princípios que devem orientar uma verdadeira ufologia científica, em seu livro *Que Ciência Constrói os Discos Voadores?* (1995). Em linhas gerais, o argumento do autor nessa obra é o de que é fundamental que a humanidade tente se inserir no que ele chama de *vida interestelar*, algo que só poderá ser alcançado a partir da compreensão do funcionamento físico por trás dos discos-voadores. Para isso, porém, é necessário, ainda de acordo com ele, que os “cientistas padrão”, em suas palavras, estejam realmente dispostos a levar os OVNI a sério e encarar essa

<sup>11</sup> Robert Hastings é um dos consultores da Revista UFO. Além dos artigos publicados, ele conta com vários livros famosos sobre o tema dos OVNI, traduzidos pela própria Revista UFO. O seu currículo, disponível na página virtual da revista, enfatiza a sua formação acadêmica: “Hastings estudou microscopia eletrônica na faculdade San Joaquin Delta, em Stockton, Califórnia, e recebeu um certificado em aplicações da ciência de materiais. Entre 1988 e 2002, trabalhou como analista de laboratório para a Phillips Semiconductors, em Albuquerque, Novo México” (Disponível em: < <https://ufo.com.br/autor/robert-hastings/>>. Acesso em 08/02/2021).

<sup>12</sup> Fernando Pereira é ufólogo, mas também formado em física. Muitas de suas obras são dedicadas a traçar paralelos entre a física e a ufologia. Até mesmo por isso ele é reconhecido como um adepto da linha “científica” pelos colegas.



questão de frente. Sobre isso, Pereira traz uma metáfora para ilustrar a situação ao dizer que tais cientistas seriam como avestruzes com as cabeças enfiadas em buracos<sup>13</sup>, negando a ufologia cegamente.

Então, não seria exagero dizer que, para alguns ufólogos<sup>14</sup>, talvez os cientistas sejam os verdadeiros negacionistas, muito embora eles possuam um termo particular para designar esse tipo de posição, que é a figura do “Cético”. Essa postura adotada por Pereira, por sua vez, é diametralmente oposta à de Ubirajara, por exemplo, porque apaga a necessidade do trabalho do ufólogo na explicitação da rede de associações que produzem o fato ufológico, tal como não dá a mesma margem para exigir desses pesquisadores maior alinhamento com o que é próprio ao trabalho científico, que envolve esse intenso esforço de relacionar diversas entidades em uma rede, por meio de uma série de mediadores humanos e não-humanos, inaugurando assim uma controvérsia que só pode ser parcialmente encerrada, estabilizada, em um fato científico que deve ser posto à prova<sup>15</sup>.

Essa avaliação ilumina também os comentários que observei em um grupo de ufólogos, no Whatsapp, para os quais as evidências não precisariam mais serem coletadas e analisadas. A existência dos OVNI já seria consenso, logo, não haveria motivos para continuar debatendo essas evidências.

**M:** E os entendedores de imagem do nosso grupo, têm o que para nos falar sobre a autenticidade ou não desse conteúdo? Eu não entendi, digo logo.

Para dizer a verdade, não tenho tempo e nem paciência para analisar

**R:** Tbem [também] acho que já passamos dessa fase

<sup>13</sup> “cientistas do tipo padrão que só raciocinam dentro de suas especialidades, lembrando avestruzes com a cabeça dentro de buracos”. (PEREIRA, 1995, p. 105). Na ocasião, Pereira se referia aos cientistas preocupados com o aparecimento de misteriosos círculos em plantações. O que inquietava esse ufólogo era a incapacidade dos cientistas de lidar com seriedade quanto àquele fenômeno, adotando uma postura de desdém e zombaria, criando a cada vez novas explicações aparentemente contraditórias para dar conta disso.

<sup>14</sup> Como revela esse trecho de uma entrevista com o ufólogo Fábio Gomes, registrada por Rafael Almeida em seu trabalho: “Cético é aquele que duvida. Só que aqui no Brasil – e no mundo inteiro, né? – cético é aquele que nega” (ALMEIDA, 2015, p. 471).

<sup>15</sup>Essa visão do trabalho científico é diretamente baseada nos argumentos de Bruno Latour, conforme será discutido ao longo do texto. O leitor pode encontrar referências sobre esses debates nas próprias referências bibliográficas, ou buscar livros como *Jamais Fomos Modernos*, ou *A Esperança de Pandora*, ambos do mesmo autor.



É mais para compartilhar material. Mas nem especulo e nem analiso mais

**M:** Concordo. Uma coisa é consenso, nenhum de nós duvida da existência deles.

**R:** Exato. Já passamos da fase da busca incessante por provas da existência.

Portanto, se, por um lado, alguns ufólogos depositam a ênfase no trabalho necessário de convencimento acerca da seriedade dessas investigações, inaugurando controvérsias e dispondo-se a colocá-las à prova, outros culpam a mente fechada de cientistas dogmáticos, ingenuamente agarrados aos seus paradigmas teóricos, ou, como Hobsbawn (2003) analisaria em um breve comentário acerca da influência da ficção científica sobre o aparecimento de OVNI<sup>16</sup>:

Qualquer ceticismo em relação aos OVNI era atribuído ao ciúme de cientistas de mentalidade tacanha, incapazes de explicar fenômenos além de seus estreitos horizontes, talvez até mesmo a uma conspiração dos que mantinham o homem comum em servidão intelectual para ocultar-lhe um saber superior (p. 512).

O prefixo “pseudo” que se incorpora, nos dias de hoje, à “pseudociência” foi mobilizado de diversas formas ao longo da história, sendo combinado de acordo com conjunturas históricas particulares. Mas é somente a partir do século XIX, quando perde boa parte da sua conotação teológica, que se observa o uso de “pseudo” acrescido à ciência, em concordância com a ideia de demarcação das fronteiras do que seria a ciência verdadeira. Ainda assim, o prefixo permaneceu ao longo da história funcionando enquanto elemento acusativo. Isso é nítido já em sua própria origem, que remonta aos séculos XIII e XIV, quando críticos da Igreja Católica empregavam o termo “*pseudoprophetae*” (falso profeta) para criticá-la e acusá-la. Posteriormente, alguns Céticos ainda associariam o avanço das “pseudociências” – dentre elas, a própria ufologia – e negacionismos científicos fora da Europa a uma suposta queda educacional da população geral, como se os cientistas tivessem deixado vago o espaço da divulgação científica, dando margem para a ascensão de “obscurantismos” (FRIETSCH, 2015).

Tendo em mente esse papel notoriamente acusatório de sistemas de classificações redutores e previamente estabilizados, como é o caso de categorias que mobilizam a ideia de “crença” (LATOURE, 2002) - tal qual a ideia de “pseudociência” -, não é possível simplesmente

<sup>16</sup> Essa análise, porém, parece deixar de lado esses outros ufólogos, empenhados em uma aproximação ativa da ciência, que reconhecem a quantidade de trabalho necessária à consolidação da hipótese extraterrestre dos OVNI.



julgar os ufólogos de antemão como “aqueles que acreditam”, ingênuos e irracionais – mesmo que isso seja dito por eles quanto aos cientistas, em muitos casos.

Portanto, não é possível simplesmente passar por cima da análise proposta pelo ufólogo Pereira, sem considerar o papel acusativo e desrespeitoso empregado pelos *céticos*, embora também não seja possível, por sua vez, comprar a ideia de que os cientistas sejam todos esses negadores sistemáticos, vítimas da ortodoxia. Talvez os avestruzes não estejam tão enterrados assim. O que julgo necessário, por ora, é fazer jus aos Céticos nesse aspecto e não simplesmente alocar a postura de ironia e a pretensão de superioridade que tanto se aciona com relação ao assunto ufologia, para a ciência.

## 2. Levar os alienígenas a sério: o que os cientistas têm a ver com isso?

Associar extraterrestres e ciência não é uma exclusividade dos ufólogos – e, conforme alguns ufólogos gostam de pensar, sistemática e teimosamente ignorada por físicos e astrônomos. Os cientistas também têm sua própria história com essas entidades. No início da década de 1950, quando começaram a pipocar ao redor do mundo diversos relatos a respeito dos discos voadores, cientistas eram constantemente convocados a se posicionar em relação a essa nova série de fenômenos.

No Brasil, a situação não era diferente, embora nossa ciência fosse emergente e carente de financiamento, em relação a países como Estados Unidos e União Soviética. Os recém criados cursos de física, engenharia e os escassos laboratórios nacionais constrangiam as possibilidades dos cientistas de despender tempo suficiente para lidar com algo tão controverso quanto discos voadores. Nesse sentido, quando possível, era comum que eles atuassem no sentido de simplesmente alertar a população a respeito dos possíveis equívocos quanto à observação de OVNI – indicando fenômenos ópticos, astronômicos, meteorológicos e etc. –, mas não sem maiores consequências. O historiador Rodolpho dos Santos é direto ao comentar sobre os efeitos colaterais resultantes dessa postura ausente<sup>17</sup> dos cientistas, à época:

---

<sup>17</sup> “Diante disso, parecia melhor e mais confortável evitar opinar. Qualquer declaração, devido à impossibilidade de verificação científica, tenderia ao mero achismo” (SANTOS, 2015, p. 126).



Ninguém podia dizer, do ponto de vista científico, o que eram realmente os discos voadores, mas os cientistas ao menos tinham condição de alertar para os enganos. Inevitavelmente, no entanto, eles passaram a ser vistos como inimigos sistemáticos do assunto, o que nem sempre era verdadeiro (SANTOS, 2015, p. 127).

Tendo em vista as condições da realização da ciência brasileira daquele período, não seria possível um posicionamento mais incisivo por parte desses profissionais a respeito do tema. Porém, a ausência dessas discussões, com aparecimentos esporádicos para apontar eventuais equívocos, deixou em aberto todo um espaço para que a construção dos alienígenas em associação com a ciência tomasse o caráter aparentemente unidirecional nas mãos dos ufólogos brasileiros e que os cientistas surgissem como os *Céticos*.

Se não houve um direcionamento científico oficial para o envolvimento com o estudo dos OVNI, ao menos em nível nacional, não foi essa a situação em países como os Estados Unidos, por exemplo, onde programas de investigação desse fenômeno foram implementados, com financiamento do próprio Estado. Um deles foi o *Project Sign*, uma iniciativa levada a cabo pelos militares dos EUA para investigar objetos voadores que começaram a aparecer nos céus norte-americanos. Em um contexto de Guerra Fria, porém, os discos voadores não eram imputados sob a alcunha de extraterrestres, uma vez que a hipótese interplanetária avançaria gradativamente somente ao longo dos anos seguintes. Nesse momento, fazia mais sentido (ao menos para o Ocidente) atribuir aos OVNI uma origem soviética com fins de espionagem. Apesar da explicação encontrada para justificar essas aparições, fato é que o governo efetivamente levou a sério os OVNI enquanto um problema digno de investigação.

Dois anos depois, em 1949, essa iniciativa mudaria de nome para *Project Grudge*<sup>18</sup>. Agora, o objetivo não era mais investigar os OVNI, pois já havia uma conclusão muito clara: não passavam de alucinação, histeria coletiva, efeitos luminosos ou físicos. Diante da possibilidade de que os soviéticos pudessem se valer disso para inflamar pânico na população estadunidense, esse projeto adotou uma nova postura: difundir a verdade dos OVNI, isto é, que não passavam de ilusões e mentiras (DEAN, 1998). Definido esse novo eixo, teve início um intenso esforço no sentido de deslegitimar os relatos e aqueles que os relatavam, de modo que as “testemunhas eram descartadas como bêbadas, histéricas, malucas ou profundamente

---

<sup>18</sup> Em português, “Grudge” significa algo como “rancor”, “relutância”, “aversão”.



doidas e desonestas”<sup>19</sup> (*Idem*, p. 36). O tiro, todavia, saiu pela culatra: ao invés do apaziguamento, o que o *Project Grudge* produziu foi, na verdade, a sensação de que algo estava sendo escondido da população por parte dos militares e, ainda no ano de 1950, os relatos de observações de discos voadores não pareciam parar de crescer.

Algum tempo depois, o *Project Blue Book* substituiria o *Project Grudge* nessas investigações. No entanto, o veredicto do responsável por esse novo projeto, o professor de física da Northwestern University, J. Allen Hynek, seguiu na mesma linha que as conclusões de seus antecessores. Segundo ele, os ditos discos voadores não passariam de gás de pântano, um efeito luminoso capaz de enganar os observadores a pensarem que existe de fato algo concreto sobrevoando suas cabeças. Ainda assim, após intensa pressão popular por intermédio dos principais veículos de mídia do país, como a CBS, o governo dos Estados Unidos decidiu contatar algumas universidades locais a fim de convencê-las, mediante financiamento público, a investigar esses objetos. Dentre a lista das instituições que recusaram a verba estavam Harvard, MIT e Caltech, todas receosas de que isso pudesse manchar a imagem da instituição.

A Universidade do Colorado, porém, aceitou a tarefa, considerando os problemas recentes de orçamento, e a partir daí começou a elaborar modos de se aproximar desse estudo, sem comprometer seu compromisso com a “seriedade científica”. Para tanto, um memorando interno foi redigido pelo professor Dean Robert Low, que dizia:

“Nosso estudo deverá ser conduzido quase exclusivamente por não-crentes que, ainda que não sejam capazes de apresentar um resultado negativo, podem e provavelmente irão apresentar um corpo de evidências sustentando que não existe nenhuma realidade nas observações” (*apud* DEAN, 1998, p. 37)<sup>20</sup>.

O relatório final, dessa vez elaborado pelo professor Edward Condon, não foi visto com entusiasmo pela unanimidade dos cientistas reunidos no simpósio sobre OVNI, organizado pela *House Science* e o *Astronautics Committee*, os quais questionaram a metodologia do estudo, que aparentemente focou mais nos “contatados” do que na análise dos relatórios fornecidos

<sup>19</sup> Tradução livre. No original: “Witnesses were dismissed as drunk, hysterical, crazy, or deeply twisted and dishonest”.

<sup>20</sup> Tradução livre. No original: “Our study would be conducted almost exclusively by nonbelievers who, although they couldn’t possibly prove a negative result, could and probably would add an impressive body of evidence that there is no reality to the observations”.



pelo *Project Blue Book* e pelo NICAP<sup>21</sup>. Apesar de trinta dos 91 casos estudados terem permanecido sem resposta, a conclusão geral foi de que:

“nada pôde ser extraído do estudo de OVNI dos últimos 21 anos que agregasse ao conhecimento científico. Uma consideração cautelosa dos registros, conforme estão disponíveis para nós, nos leva a concluir que um subsequente estudo extensivo dos OVNI não se justifica mediante a expectativa de que a ciência avançará com isso.” (apud DEAN, 1998, p. 38)<sup>22</sup>.

Embora os problemas do Relatório Condon tenham sido apontados, ele marca um evento importante na ufologia, decretando o encerramento imediato de diversos programas governamentais dedicados ao estudo dos OVNI ao redor do mundo, restringindo esse estudo a pequenos grupos de ufólogos e entusiastas independentes (cf. ARANHA, 1990; CROSS, 2004). Agora, se as críticas dos cientistas que compunham esse relatório diziam respeito à credibilidade das testemunhas, era preciso que os ufólogos convencessem a comunidade científica, em primeiro lugar, da seriedade das pessoas que forneciam os depoimentos; depois, era preciso convencer a comunidade científica também acerca da seriedade dos próprios métodos empregados pelos ufólogos nessa tarefa: “Isso teve o efeito de moldar o discurso ufológico como um todo ao redor de questões de confiança e credibilidade, tanto quanto de evidências empíricas”<sup>23</sup> (DEAN, 1998, p. 39).

Para a Ciência, a questão parecia resolvida: os OVNI são explicáveis pela óptica, pela bioquímica, pela psicologia, pela sociologia e etc. Não são produtos de *lá*, mas muito mais produtos de *cá*, da Natureza ou da imaginação humana (a Cultura). Quando os cientistas se dedicarem a explorar essa questão, não o farão por meio das mesmas associações e mobilizando as mesmas entidades que os ufólogos. Um astrônomo que trabalha com pesquisas no Instituto SETI, por exemplo, não tenta estabelecer contato com *o mesmo tipo de extraterrestre* que um ufólogo. Isso é importante destacar: não é porque astrobiólogos, astrônomos e ufólogos estão

<sup>21</sup> Em português, NICAP significa Comitê de Investigações de Fenômenos Aéreos.

<sup>22</sup> Tradução livre. No original: “nothing has come from the study of UFOs in the past 21 years that has added to scientific knowledge. Careful consideration of the record as it is available to us leads us to conclude that further extensive study of UFOs probably cannot be justified in the expectation that science will be advanced thereby.”

<sup>23</sup> Tradução livre. No original: “This had the effect of shaping the UFO discourse as a whole around questions of trust and credibility as much as around empirical evidence”.





falando de vida alienígena, que eles mobilizam as mesmas associações. Aqui, faz total diferença se o seu ET é uma bactéria, uma civilização isolada há milhares de anos luz ou o tripulante de um disco voador, que visita constantemente o planeta Terra.

Nesse sentido, a reação do antropólogo Jayme Aranha (1990), ao descobrir que havia cientistas estudando inteligência extraterrestre com tamanha seriedade e rigor, expressa o desconforto espontâneo de alguém que, ao menos em um primeiro momento, toma “extraterrestres” como um tema de mera especulação imaginativa<sup>24</sup>. Ele relata: “Inicialmente todos os valores e admiração em relação ao mundo científico, não de todo livres de um certo ranço positivista confuso, sentiram-se ameaçados” (p. 4). Não obstante, o autor logo reconhece a diferença essencial em ufólogos perseguindo discos voadores e astrônomos atrás de seus radiotelescópios tentando captar algum sinal inteligente do espaço: “Se tivesse escolhido perseguir o fio extraterrestre num meio ufológico, ou na literatura de ficção científica, o estranhamento seria inteiramente outro” (p. 4).

A busca dos cientistas por extraterrestres, desse modo, se diferenciaria com relação a dos ufólogos a partir do princípio de que aqueles julgam *possível* a existência dos extraterrestres, no campo de uma *hipótese* a ser testada (uma entidade a ser construída?), enquanto os ufólogos advogam incisivamente acerca da *real existência* desses seres<sup>25</sup>. Portanto, podemos sintetizar essas diferenças como uma disputa entre o julgamento da questão, por uns como hipótese e, por outros, como fato, só que

apesar de considerarem que as mensagens enviadas para etis nunca as alcançarão, não recusam-nas como tolices, embustes ou mistificações. No entanto, é exatamente os qualificativos que aplicam à crença de que os ufos são naves extraterrestres (ARANHA, 1990, p.36)

A diferença *principal* entre os dois (a ufologia e o SETI), defende esse autor, não está, a princípio, em mais ou menos rigor científico a respeito das evidências que sustentam seus fatos. Antes, o que distingue as duas empresas é o julgamento dos cientistas do SETI de que a

<sup>24</sup> “Era o fato dos porta-vozes da Ciência resolverem apostar nos seres inteligentes extraterrestres que me intrigou, me pareceu inconcebível. Era a mistura destes dois terrenos, inicialmente tão nitidamente separados no meu universo de representações, que escandalizou-me como uma profanação. Mais que uma ousadia do pensamento, parecia que os sacerdotes do meu «templo laico» (DUARTE:1983) haviam aderido de um só golpe à fantasia mais incontida.” (ARANHA, 1990, p. 5).

<sup>25</sup> Checar, por exemplo, o diálogo apresentado anteriormente, observado no grupo do Whatsapp.



crença na hipótese extraterrestre atribuída aos OVNI é *moralmente nociva* - eu diria que a diferença está nas consequências ontológicas que cada agenciamento desses alienígenas têm. Assumi-la seria, segundo Aranha, a expressão de uma disposição derrotista, a crença no apocalipse<sup>26</sup>. Os alienígenas estão aqui, o fim do mundo pode estar próximo e não há nada que possamos fazer para competir com sua tecnologia infinitamente mais avançada.

### Considerações finais

Esse artigo cobriu brevemente o desenvolvimento da ufologia, desde seu nascimento até sua subsequente marginalização, contrastando as explicações de ufólogos com a reconstrução histórica desse quadro, passando pelas principais controvérsias, algumas das quais presentes até hoje, como a discussão da validade do Instituto Seti. O movimento central desse texto foi o de “trazer os alienígenas à Terra”, mas não somente aqueles homenzinhos verdes que abduzem pessoas. Com isso gostaria de argumentar que “trazer os alienígenas à Terra” não é o mesmo que desmascarar uma farsa planejada de ufólogos, como se as causas de seus avistamentos fossem puramente mundanas.

Na noite de 25 de junho de 2021, a comunidade ufológica (e eu mesmo) teve uma enorme surpresa, que já estava sendo antecipada há alguns dias: trata-se do relatório submetido ao Congresso dos EUA por parte da Comunidade de Inteligência (CI), acerca do que ali é descrito como um “fenômeno aéreo não identificado” (UAP em inglês). O documento em questão contém 9 páginas dedicadas a uma espécie de balanço preliminar desses fenômenos aéreos, para auxiliar os políticos do país a tomar decisões em relação às

possíveis ameaças colocadas pelo UAP, ao mesmo tempo em que provê meios de desenvolver processos relevantes, políticas, tecnologias e treinamento para os militares dos EUA e outros funcionários do governo se, e quando, eles encontrarem UAP, tal como potencializar a habilidade da Comunidade de Inteligência em compreender tal ameaça (OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE, p. 2, 25 de junho de 2021)<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> “Mesmo essas tímidas mensagens a etis que examinamos, despertaram, no próprio meio científico, o temor do duplo, a paranóia de ver-se na posição sem esperanças do povo primitivo invadido” (ARANHA, 1990, p. 216). Medo esse, aliás, muito bem representado no clássico livro Guerra dos Mundos, de H. G. Wells.

<sup>27</sup> Tradução livre. No original e na íntegra: “This preliminary report is provided by the Office of the Director of National Intelligence (ODNI) in response to the provision in Senate Report 116-233, accompanying the Intelligence Authorization Act (IAA) for Fiscal Year 2021, that the DNI, in consultation with the Secretary of Defense (SECDEF), is to submit an intelligence assessment of the threat posed by unidentified aerial phenomena (UAP) and the progress the Department of Defense Unidentified Aerial Phenomena Task Force (UAPTF) has



O relatório não valida a existência dos discos-voadores enquanto produto extraterrestre, porém nos dá a oportunidade e a obrigação de refletir a respeito do tema e, quem sabe, levar um pouco mais a sério o que os ufólogos têm para dizer - digamos, colocar seu pensamento “em presença”. O que estamos perdendo de vista nessa passagem da ufologia para a ciência, quando já tomamos o produto final, sem considerar sua construção, as questões por eles debatidas e os problemas encontrados nesse processo?

Não é a intenção desse texto tentar contrapor-se à noção de “crença” empregada ao tema da ufologia, a fim de provar *cientificamente* que OVNI são reais. Meu argumento é de outra natureza, pois ainda que não seja “científica” no sentido oficial, esses ufólogos não merecem o tratamento nocivo e desrespeitoso da “crença”. No entanto, seguindo as reivindicações dos próprios ufólogos, nada mais justo do que trazer a apresentação desse relatório que, sem dúvida nenhuma torna o tema muito mais *interessante* para os cientistas e facilita esse cruzamento tão almejado pelos ufólogos.

Nesse sentido, a distinção entre “pseudociência” e “ciência” é uma reconfiguração da velha separação moderna entre “crença” e “razão”. Novas potencialidades são reveladas quando optamos por nos desprender dessas categorias. A pseudociência é, na verdade, uma categoria nativa pela qual os cientistas apreendem a ufologia de maneira desrespeitosa, porque carrega o peso de denúncia. Isso não significa, porém, que tenhamos que aceitar as reivindicações ufológicas sem mais nem menos. Mas enquanto antropólogos é nossa tarefa desvendar as condições de felicidade e propor possibilidades de cruzamento enquanto alternativa de resolução aos conflitos ontológicos. Quais posições estratégicas os ufólogos podem adotar nessa disputa sem abrir mão dos seus OVNI e alienígenas?

Constantemente os discos-voadores são puxados de volta para a Terra. Seu ziguezaguear mágico e suas cores cintilantes, em poucos segundos, se esvaem e o OVNI volta a ser produto terrestre. O que o ufólogo propôs, na introdução, a respeito do SETI, foi pura e simplesmente que os cientistas engajados nesse tipo de busca também se submetessem a mesma operação: você está disposto a puxar seus extraterrestres, anos-luz de distância, de volta à Terra? Pois

---

made in understanding this threat. This report provides an overview for policymakers of the challenges associated with characterizing the potential threat posed by UAP while also providing a means to develop relevant processes, policies, technologies, and training for the U.S. military and other U.S. Government (USG) personnel if and when they encounter UAP, so as to enhance the Intelligence Community’s (IC) ability to understand the threat.”



bem, buscar alienígenas, nos dois casos, deve ser sobre olhar para baixo, e não para cima. Em todo caso, para os ufólogos, sobretudo, ainda há muito trabalho a ser feito, se o objetivo é tornar os OVNI *interessantes* para os cientistas, caso contrário estarão fadados à permanência cada vez mais longa das controvérsias e incertezas entre dois modos de existência conflitantes. O referido relatório segue afirmando que:

Embora a maior parte dos UAPs descritos em nosso banco de dados provavelmente permaneçam não-identificados devido aos dados limitados ou aos desafios no processamento da coleta ou análise, poderá ser necessário conhecimento científico adicional para coletar, analisar e caracterizar com sucesso alguns deles (OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE, p. 6, 25 de junho de 2021)<sup>28</sup>.

Por fim, podemos concluir que, inevitavelmente, a construção da ufologia científica se dá sempre a partir desses contatos com a Ciência. Por vezes, o contato pode ser hostil e pautado na ironia, no desdém e no desinteresse. Em outros casos, no entanto, esse contato pode ser realmente produtivo, no sentido de provocar modificações, tanto na Ciência, como na ufologia. Assim, para uma “antropologia da ufologia”, não podemos em nenhum momento criticar o estatuto ontológico dos discos voadores e seus tripulantes; em contrapartida, é mais produtivo levar essa ideia a sério e investigar as consequências que essa existência possa ter para a atividade científica e para o mundo - novamente, os agenciamentos possíveis. Parafraçando Blaser, citado na introdução, o mundo comum, não obstante, deve ser composto. Para além da pergunta “que ciência constrói os discos voadores?”, caiba talvez questionar: “que mundos os discos voadores constroem?”.

## Referências

- ALMEIDA, R. "Objetos intangíveis": Ufologia, ciência e segredo. 2015. 508 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BILLINGS, L. Astrobiology in Culture: the search for extraterrestrial life as "science". *Astrobiology*, v. 12, n. 10, p. 1-10, 2012
- BLASER, M. Uma outra cosmopolítica é possível?. *R@U – Revista de Antropologia da UFSCAR*, v. 10, n. 2, p. 14-42, 2018.

<sup>28</sup> Tradução livre. No original: “Although most of the UAP described in our dataset probably remain unidentified due to limited data or challenges to collection processing or analysis, we may require additional scientific knowledge to successfully collect on, analyze and characterize some of them.”



CARLOS, D. Extraterrestres: Ciência e Pensamento Mítico no mundo moderno. 2007, 157f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

DEAN, J. Aliens in America: Conspiracy Cultures from Outerspace to Cyberspace. **Cornell University Press**, 1998.

GEVAERD, A (ed.). O Pensamento da Ufologia Brasileira (parte 1): entrevistas selecionadas com grandes ufólogos nacionais, publicadas nas mais de duas décadas de atividades da Revista UFO. Campo Grande: **CBPDV**, 2006.

HASTINGS, B. O que querem nossos visitantes?. **Revista UFO**, Campo Grande, n. 196, p. 32-45, 2013.

HOBSBAWN, E. Era dos Extremos. **Companhia das Letras**, São Paulo, 2003.

LATOUR, B. Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos. Petrópolis: **Editora Vozes**, 2019.

\_\_\_\_\_. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru: EDUSC, 2002.

LEPSELTTER, S. The Resonance of Unseen Things: Poetics, Power, Captivity and UFOs in the American Uncanny. Michigan: **University of Michigan Press**, 2016.

OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE. Preliminary Assessment: Unidentified Aerial Phenomena, de 25 de junho de 2021. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2021/06/25/politics/full-text-pentagon-ufo-report-/index.html>>. Acesso em 28/06/2021.

PEREIRA, F. Que Ciência Constrói os Discos Voadores. Rio de Janeiro: **Record**, 1995.

SANTOS, R. A Invenção dos Discos Voadores. São Paulo: **Alameda**, 2015.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.



**Artigo submetido em: 26 de setembro de 2023.**

**Artigo aceito em: 27 de outubro de 2023.**

**Artigo publicado em 10 de novembro de 2023.**

